

## MOVIMENTO

# O superdesperdício da soja

A perda de grãos da maior safra de soja da história gaúcha registrou o dobro do ano anterior, 420 mil toneladas, equivalente à produção de 140 mil hectares – o suficiente para alimentar 250 milhões de pessoas

► Por Clóvis Victória

extraclasse@sinpro.org.br

Um recorde positivo na produção do principal grão das lavouras gaúchas foi sucedido por outro recorde negativo. Os 10,5 milhões de toneladas de soja que rechearam os silos e as indústrias do setor na safra 2010/2011 geraram um dos maiores índices de desperdício da história. De um ano para outro, as perdas com a colheita em 70% da totalidade das áreas cultivadas dobraram. Ao todo, foram 420 mil toneladas que ficaram pela terra depois que as colheitadeiras passaram. Se acrescentarmos o transporte por caminhão e armazenagem (210 mil toneladas ou 2% do total), o volume de perdas ficou entre 6% e 7%, 630 mil toneladas. O prejuízo apenas com a colheita equivale a cerca de R\$ 300 milhões.

Estudo orientado por entrevistas com agricultores e por análise quantitativa de amostras em diversas regiões do estado, feitas pelo técnico da Emater-RS de Carazinho, Cláudio Dóro, estimou que a média de perdas durante a colheita saltou de 2% para 4%. Ele concluiu que a superprodução foi um dos fatores decisivos. Apenas durante o processo de colheita, foram desperdiçadas 420 mil toneladas de soja ou 120 quilos por hectare.



Foto: Vanessa Almeida de Moraes

Perdas dariam para alimentar a população do país por um dia

Segundo Dóro, o ajuste precário das colheitadeiras, a baixa profissionalização dos operadores das máquinas, a espécie de soja plantada no estado e a pressa foram os vilões. Com a chegada do período de colheita, os produtores costumam acelerar as máquinas. “Quando a automotriz bate no grão aberto para jogar para o espaço de armazenamento, muitos grãos caem no chão”, explica Dóro.

## Pressa e desleixo

Estudo estatístico das safras 1996-2002, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base em indicadores agropecuários globais, determinou que as perdas de grãos entre o plantio e a pré-colheita chegam a 10%. Sob o título *Índice de perdas do plantio à Pré-colheita dos principais grãos cultivados no País 1996-2002*, o trabalho analisou lavouras de arroz, feijão, milho, soja e trigo e concluiu que 10% daquilo que se planta nem chega a ser colhido por efeito de adversidades como condições climáticas desfavoráveis, pragas, variações econômicas e desperdício. Além dos fatores apontados pelo técnico da Emater Cláudio Dóro, o estudo incorpora condições de transporte como decisivas. Assim, no período avaliado, à média de 98 milhões de toneladas colhidas, outra média de 9,8 milhões de toneladas sinaliza o que ficou pelo chão nas lavouras, nas estradas ou nos silos. No caso do transporte, o estudo sugere a ampliação de vias ferroviárias e pluviais de escoamento da produção.

O ciclo de chuvas favoreceu o plantio e a colheita na safra deste ano. Choveu na hora certa entre outubro e dezembro para plantar. Entre março e abril, as chuvas estan-

caram no tempo adequado para permitir condições perto das ideais para colheita. A produtividade da soja gaúcha foi, em média, de 3 toneladas por hectare, cerca de 50 sacas de 60 quilos. Duas sacas dessas, no entanto, deixaram de ser colhidas. Isso significa que em torno de 120 quilos, o equivalente a R\$ 30, se perderam.

É o mesmo que deixar uma grande porção de terras sem plantio. Seriam 140 mil hectares de terras ociosos o que as perdas representariam. É como se 7 mil propriedades de 20 hectares cada não jogassem uma única semente na terra, prejuízo aproximado de R\$ 315 milhões, considerado o preço de R\$ 750 a tonelada. Os grãos que nem chegaram a ir para o caminhão permitem fazer uma analogia ainda mais grave: poderiam alimentar 250 milhões de brasileiros, ou seja, 1,3 vezes a população, que é de 190 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE, em um único dia, levando-se em conta uma dieta de 2 mil calorias. E só em soja perdida no RS. Pode-se imaginar quantas pessoas poderiam comer com as perdas em todo o Brasil.

## Equação do retrocesso

Os números expostos pela Emater seriam otimistas na visão do ex-professor universitário e consultor de produtores rurais, Plínio Pacheco Pinheiro, especialista em ecologia e mecanização agrícola. Além de corroborar as conclusões da Emater, ele acrescenta outros dados. A falta de uma cultura de treinamento de operadores nas fazendas e o avanço tecnológico desenharam uma equação de retrocesso. “O fator número um de perdas é a manutenção das máquinas”, aponta.

Segundo ele, há uma crença nas fazendas brasileiras de que a experiência de vários anos de um operador e a tecnologia avançada das atuais colheitadeiras são suficientes. “Não são”. Consultor de produtores em vários países da América do Sul, além do Brasil, Pinheiro cita o Paraguai como exemplo de produtividade e redução de perdas. Há casos de fazendas paraguaias em que se desperdiçam entre 18 e 20 quilos por hectare, dez vezes menos que no Brasil. “Os produtores de soja paraguaios são brasileiros, usam sementes brasileiras, máquinas gaúchas e perdem muito menos. O país já é terceiro maior produtor de soja do mundo. Eles são humildes para reconhecer que precisam aprender”, explica o especialista.

Mas como se recupera a comida perdida? Com treinamento de operadores diretamente nas fazendas. É isso que suas consultorias procuram fazer. Ensinar operadores a reduzir as perdas com informação. E funciona, segundo ele. “Um operador que fica 15 minutos por dia em volta da máquina ajustando, arrumando, paga o salário de um mês apenas com o que vai deixar de perder. Temos que começar a perceber que trocamos fuscas por Ferraris. Não adianta pensar que uma máquina computadorizada vai resolver tudo. Tem que aprender a usar. Dirigir um Fusca não é o mesmo que dirigir uma Ferrari”.



## FRAGA

### Palavras na passarela

Entre o século XIX e parte do XX, falar bem esteve na moda: as pessoas dialogavam elegantemente, bem trajadas no corpo e na língua, um só estilo a andar e tagarelar no passeio público. Hoje já não é mais assim: o linguajar empobreceu, é visível no figurino, quer dizer, na falta que o figurino faz. Por isso, nos tímpanos e nas retinas, os andrajos da aparência e da linguagem.

Se a elegância no vestir influísse no falar, ou mesmo no vice-versa, a moda talvez pudesse retornar ao que era. Não digo nos moldes antiquados, mas num padrão em que o vocabulário mais refinado se harmonizasse com finas estampas.

Quer dizer, a moda seria verbal, com uso fashion das palavras: bastaria abrir um closet onde haveria prateleiras com dicionários, gramáticas e enciclopédias e, antes de se arrumar para sair, as pessoas escolheriam primeiro as palavras com que iam se comunicar. Ao completar a vestimenta, surgiria a harmonia. Discreto ou mais atraente, alguém disposto a deixar claro o seu modo de se expressar, desde o tecido da roupa à tessitura do palavreado.

Imaginemos lojas de departamentos, com os setores de linguagem cheio das novidades, lançamentos para as pessoas experimentarem novas expressões, verbetes coloquiais para trocar impressões na rua, no trabalho, nos eventos. Seria impressionante.

Na moda verbal, você poderia, a partir das coleções de estilistas-linguistas, adotar a roupagem vocabular que quisesse: descolado, formal, cool, retrô, casual, tudo combinando para as ocasiões, das mais falantes às mais contidas. Olhariam para nós e:

– Oh!, como vc fica chique quando abre a boca e discorre sobre isso ou aquilo! Onde adquiriu essa expressividade?

Sim, haveria também butiques, com fraseados bem costurados, com linhas corrigidas e revisadas.

Nessa hipotética sociedade, arrumada na ponta da língua, alguma pompa e circunstância poderia ser revivida, apenas para uma divertida encenação, como quem se veste para uma cerimônia, e não com essa semcerimônia em que todos os eventos se parecessem e todos matraqueiam sem finesse nenhum.

Assim, com essa facilidade de ter o *look* que quisesse a partir do próprio repertório, as pessoas ganhariam um ar de classe. Até as preposições e as conjunções seriam elogiadas como acessórios.

Nada é impossível: como os desfiles de moda viraram um carnaval, num show desses minha fantasia ganha lugar no SPFW. Nem tudo está perdido, as palavras é que andam mal-ajambradas.



Arte: Rafael Sica

# Você decide para quem

Você conhece um Projeto, uma Instituição ou um Profissional que merece destaque por sua atuação para uma educação de qualidade?

Indique ao Prêmio Educação RS 2011!

Para participar é fácil. Acesse [sinpro.org.br/premio](http://sinpro.org.br/premio) e preencha o formulário on-line, até 31 de agosto, com a sua indicação.

Três finalistas de cada categoria serão submetidos à votação eletrônica dos professores associados do Sinpro/RS entre 19 de setembro e 5 de outubro.

Os mais votados serão agraciados com o Troféu Pena Libertária.

SINPRO/RS  
Sindicato Estadual

# vai o Prêmio Educação 2011